

EDITORIAL:

Manuscritos em leituras distintas

Eduardo Calil (UFAL) eduardocalil@hotmail.com
Kall Anne Amorim (UFAL) kallanneamorim@gmail.com
Janayna Santos (UFAL) janayna_lsantos@hotmail.com

A produção de conhecimento científico sobre a escritura e seus processos envolve um amplo leque de campos de saberes (Linguística, Psicologia, Educação, Sociologia, Antropologia...). Considerando a complexidade deste objeto e, sobretudo, a sua especificidade didática, não é possível refletirmos sobre ele sem que se tenha em vista um horizonte intermultidisciplinar. Diante disto, nós, pesquisadores do Laboratório do Manuscrito Escolar (LAME), vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas, oferecemos à comunidade acadêmico-científica 8 artigos que, em seu conjunto, revelam as diferentes dimensões deste objeto.

A diversidade de abordagens está já indicada no título deste volume da Revista Debates em Educação: *Manuscritos em leituras distintas*. A reunião destes distintos trabalhos não se deu em função de um consenso teórico-metodológico, mas sim por investigarem um objeto em comum: o texto em construção.

Aqui, o sentido de “texto” é amplo. Envolve o texto em sua forma “manuscrita¹”, tratada através da interpretação dos rascunhos e suas rasuras, dos planos e notas preparatórias, dos diálogos entre universitários durante o processo redacional. Os escreventes também são heterogêneos: textos escritos por linguista, filósofo, escritor, alunos recém alfabetizados, alunos do Ensino Fundamental e Médio, alunos universitários.

Enunciação e gênese de um texto: elaboração semântica e textualização abre esta reunião de artigos. Irène Fenoglio, importante geneticista francesa, discute a gênese escritural e sua enunciação, tendo como objeto manuscritos literário, científico

¹ O texto em sua forma não acabada, que ainda não foi finalizado para ser publicado.

Debates em Educação

e filosófico. Aproximando duas disciplinas, a Linguística e a Genética de Textos, sua análise mostra a textualização se fazendo e se fixando nestes manuscritos, cuja singularidade é sua marca indelével. Seu trabalho inicia este volume porque os primeiros estudos sobre os manuscritos literários abriram nossos olhos para os manuscritos escolares, valorizando seu processo criativo e seu caráter singular e subjetivo.

Claudine Fabre, em um de seus estudos pioneiros sobre os *brouillons*² de alunos, *Das variantes do rascunho ao curso preparatório*, não só reitera a importância da rasura como objeto de estudo científico, como também inaugura o campo de investigação em torno do manuscrito escolar. Em seu estudo, destaca-se o estatuto metalinguístico dado às marcas de rasuramento produzidas por alunos de 7 anos de idade. A revelação da heterogeneidade destas marcas, assim como o fato de que estes alunos mais “suprimem” do que “adicionam” elementos novos ao texto sugere que a “consciência linguística” se faz no tempo e na prática da escritura.

Continuando o caminho aberto por Fabre, sua ex-doutoranda, Catherine Boré discute e defende o valor do manuscrito escolar como objeto de estudo. Em seu texto “*Rascunho, inencontrável objeto de estudo?*” a pesquisadora francesa analisa a especificidade do rascunho, considerando o que dizem alguns documentos curriculares franceses e, em seguida, exemplifica sua importância ao analisar o processo na escritura e reescritura da aluna Houda. As mudanças linguísticas operadas pela aluna, através de várias versões produzidas ao longo do processo escritural de um texto, indica a necessidade de avançar na reflexão sobre a didática da escrita e seu papel na formação de professores.

Claire Doquet-Lacoste elegeu como recurso metodológico a captura da escritura em tempo real, ou seja, o registro em tempo real das operações de escritura através do uso de um programa de computador pouco conhecido no Brasil (*Genèse du texte*). Filiada ao dialogismo de Bakhtin, e a partir de uma consigna marcadamente intertextual (“escrever um conto, comportando elementos de outros contos existentes”), Doquet, em seu texto *O jovem escrevente e seus duplos*, analisa a

² Em português: rascunhos.

Debates em Educação

escritura de duas versões de um texto produzido por um aluno francês de 10 anos. Entre a 1ª e a 2ª versão, a autora destaca o “dialogismo interdiscursivo”, o “discurso reportado” e as tensões entre a voz do “sujeito escrevente”, do “narrador” e do “personagem”. Destacando a presença de elementos estereotipados, mas também singulares, sua análise mostra como a criatividade infantil se apropria da complexidade dialógica do funcionamento da língua e dos textos que entornam o escrevente.

Também embasado em uma perspectiva bakhtiniana, o discurso reportado é o tema do artigo seguinte. Em *Formas de discurso reportado em narrativas ficcionais escritas por alunos brasileiros e franceses*, Eduardo Calil e Catherine Boré nos oferecem uma análise contrastiva de suas formas de manifestação em manuscritos escolares de alunos brasileiros e franceses. Nas apropriações feitas por estes alunos há tanto a interferência didática relacionada aos conteúdos de ensino eleitos pelos diferentes sistemas curriculares, quanto a presença de elementos advindo de gêneros textuais conhecidos (ou seja, aqueles relacionados ao universo letrado próprio de cada cultura e contexto sócio-histórico). Além do caráter inaugural deste tipo de estudo, as diferenças e semelhanças entre suas formas de emergência enriquecem nossa compreensão sobre os tipos de dialogismos que as caracterizam.

Retomando a problemática da “escritura em tempo real”, o trabalho de Denis Apothéloz, *Progressão do texto na redação conversacional: as técnicas de reformulação na fabricação colaborativa do texto*, oferece um outro enfoque para a análise do processo escritural. Caracterizado enquanto “escrita colaborativa”, seu *corpus* é composto por uma “redação conversacional” estabelecida por dois estudantes universitários. A díade deveria escrever um texto argumentando sobre a importância de se solicitar “deveres escolares”. Este estudo de caso, sustentado por uma perspectiva linguístico-conversacional, apresenta o modo como os estudantes progridem na “fabricação” do texto, destacando a “coordenação da atenção” entre eles e a expansão dos sintagmas textuais que irão terminar por serem escritos no texto em curso. As reformulações descritas e analisadas nos episódios escolhidos apontam para as idas e vindas dos corredatores sobre as “unidades de trabalho” e “de enquadramento” que caracterizam a redação conversacional. Na mesma direção já

Debates em Educação

apontada por outros estudos, este artigo confirma o potencial metalinguístico da escritura a dois.

O 7º artigo oferecido por David Galbraith, *A escrita como descoberta*, traz para o leitor a perspectiva da Psicologia Cognitiva. Destacado pesquisador inglês, Galbraith defende, questionando os modelos clássicos de escrita, a importância de se considerar os efeitos da escrita sobre o pensamento de quem escreve. Ao apresentar alguns de seus estudos experimentais, comparando diversas condições de produção de texto (a partir de listas de ideias, sem planejamento ou notas prévias, etc.) às quais foram submetidos grupos de escritores com alto grau de automonitoramento e com baixo grau de automonitoramento, seu artigo revela disparidades entre os resultados destes estudos e a insuficiência dos modelos de processamento textual, indicando que a geração de ideias estaria relacionada à complexidade dos processos de conhecimento recursivo (*knowledge-retrieval*) e de constituição do conhecimento (*knowledge-constituting*). Esta característica estaria presente no “modelo de duplo processamento de escrita” por ele proposto.

Fechamos este volume com outro trabalho inglês, também dentro do aporte teórico da Psicologia Cognitiva, mas com um viés linguístico: *Da fala para a escrita: o desenvolvimento linguístico na escrita*. Neste estudo, Debra Myhill apresenta uma análise comparativa entre textos (narrativos e argumentativos) de alunos como 12-13 e 14-15 anos de idade. Analisando a presença de elementos lexicais, tamanho de sentenças e relações de coordenação e subordinação, variação temática, expressões adverbiais, seus resultados mostram uma significativa diferença na qualidade destes textos, sendo os textos mais bem estruturados e escritos aqueles que contêm menos elementos característicos da língua falada.

Apesar das diferenças no tratamento dado ao “texto em construção”, esperamos que estes artigos, cada um à sua maneira e dentro da perspectiva teórico-metodológica adotada, possam enriquecer nossas referências e contribuir para a ampliação de nosso conhecimento da literatura especializada sobre a produção científica francesa e inglesa, incitando nossos leitores a buscarem outros textos, cujo acesso em língua portuguesa não seja possível.

Debates em Educação

E para finalizar este número da revista Debates em Educação, o leitor encontrará ainda a Resenha de Camila Ferreira da Silva (UFAL) sobre o livro *“Alagoas: gênese, identidade e ensino”*.

Desejamos uma boa leitura.